

a Sábria ingenuidade de

DR. JOÃO

PINTO

GRANDE

YURI VIEIRA

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Vieira, Yuri
V716s A sábia ingenuidade do Dr. João Pinto Grande / Yuri Vieira. – 1ª ed. –
Rio de Janeiro: Record, 2017.

ISBN: 978-85-01-10908-8

1. Conto brasileiro. I. Título.

17-41247

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Copyright © Yuri Vieira, 2017

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-10908-8

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Sumário

O machista feminista	11
O Prompt de Comando ou A sábia ingenuidade do Dr. João Pinto Grande	63
A teologia da maconha	79
O pedinte do metrô	111
A menina branca	131
Amarás ao teu vizinho	165
A Satoshi o que é de Satoshi (somente para nerds e geeks)	227

O machista feminista

Tempos atrás, participei de um encontro literário na Casa Mário de Andrade, em São Paulo, onde, ao longo de uma semana, debati com outros autores as perspectivas da literatura brasileira neste novo milênio. Foi lá que, entre outros, conheci pessoalmente Elisa Andrade Buzzo, Luis Eduardo Matta, Miguel Sanches Neto, André de Leones, Fabrício Carpinejar e Antonio Prata, com quem, na última noite, dividi uma carona oferecida pela esposa de Julio Daio Borges, organizador do evento. Embora o encontro tenha sido muito interessante — principalmente porque pela primeira vez eu participava de algo do gênero enquanto escritor convidado, e não como leitor —, este relato nada tem a ver com o evento em si, com os demais colegas ali presentes ou sequer com literatura — ao menos não diretamente. O fato é que, justamente no dia em que Daniela Rede, minha bela e autoproclamada assessora de imprensa, não pôde comparecer, fui abordado ao final do debate daquela noite por um sujeito de ar simultaneamente astuto e simpático.

— Li seu livro, Yuri — revelou ele, após apertar-me a mão e me cumprimentar pelas intervenções daquela noite.

— Foste tu? — repliquei, sorrindo.

Ele riu:

— Escritores brasileiros estão sempre achando que não são lidos.

— Deve ser por causa do xerox das faculdades e dos e-books piratas — retruquei. — O que o bolso não vê, o coração não sente.

Alto, metido num elegante paletó escuro feito sob medida, em lustrosos sapatos Oxford, exibindo um reluzente Cartier dourado no pulso, óculos de Clark Kent, o cachecol posto à la “forca”, tal como agora se usa — em vez de à la “estrangulamento”, se é que me entendem —, esse cara bem vestido parecia um desses frequentadores de vernissages que vemos em filmes alemães ou franceses. Com isso, quero dizer que se tratava de alguém que, a despeito de sua aparência de intelectual, também tinha um quê de empresário de sucesso, e nitidamente atraía a atenção feminina circundante. No fundo, ele parecia alguém montado para a ocasião — ou seja, se aquela fosse uma reunião de navegadores, ele teria aparecido em trajes de marinheiro de revista de moda.

— Também acompanho seu blog — tornou ele.

— Você? Pensei que apenas um punhado de universitários lia meu blog.

— Bom, fiquei sabendo desses debates por causa dele.

O sujeito, que se apresentou como Nathan, após tratar por alto de alguns temas sobre os quais eu havia escrito naquela semana, talvez para me provar que realmente era meu leitor, ofereceu-me uma carona até a Vila Madalena, onde residia o amigo com quem eu estava hospedado, e também me perguntou se eu não queria aproveitar os bares da região para beber alguma coisa. Carona e drinques ofertados por alguém que comprou meu livro? Claro que aceitei.

— Sua mulher não veio com você hoje? — perguntou quando nos dirigimos à porta da frente.

— Não, não veio. E ela, infelizmente, não é minha mulher.

— Uma linda garota. Eu a vi aqui ontem à noite.

Saímos da Casa. Ele tinha um desses Jeeps Cherokee blindados, então uma mania entre os endinheirados paranoicos de São Paulo,

pois, apesar de pesados e de beberem feito loucos, em nosso restrito mercado eram os mais indicados para sobreviver à guerrilha urbana de todos os dias. Lá dentro, no banco de trás, muitos livros empilhados.

— Você por acaso não é um editor... ou é?

— Não, não. — E vendo meu desapontamento involuntário: — Não precisa fazer essa cara. Você logo, logo terá um bom editor. Basta esquecer um pouco os contos e escrever um romance.

— Ou arranjar um agente literário — acrescentei.

— Um agente, não! Uma agente — e Nathan sorriu.

Quando ainda percorríamos a avenida Pacaembu, ele começou a entrar no assunto que realmente lhe interessava:

— Yuri, você já trabalhou como ghost-writer?

— Não e, sinceramente, nunca tive interesse. Gosto de assumir o que escrevo. Prefiro publicar algo ruim com meu nome a publicar uma obra-prima anonimamente. Coisas do ego.

— Entendo. Mas você não se importaria de aconselhar quem nunca escreveu um livro, não é?

— Claro que não. Mas já o aviso que não tenho essa experiência toda. No primeiro dia do Encontro, eu até me senti bastante inseguro a certa altura da minha palestra: quando me perguntaram qual era o meu “método” de trabalho, percebi que nunca havia pensado nisso. Fiquei um tempo mudo, gaguejei e então respondi que fazia tudo de forma completamente espontânea. Só no dia seguinte, ao relembrar o processo de escrita do meu primeiro livro, de como planejava e executara cada conto, é que percebi que tenho, sim, um método.

Ele estava pensativo, concentrado na direção. Havia um forte nevoeiro sobre a cidade. Momentos depois, tornou a falar, e o assunto voltou-se para o trânsito, que não estava causando problemas àquela hora da noite, mas que infernizava o dia a dia paulistano. “A coisa mais inteligente a se fazer é morar perto do

trabalho”, repetia ele. E assim, quinze ou vinte minutos depois de sair da Casa Mário de Andrade, chegamos à Vila Madalena. Pensei que iríamos a um pub — Nathan tinha cara de frequentador de pubs —, mas ele escolheu um boteco bastante comum da rua Aspicuelta cujo nome não estava visível em parte alguma. Escolhemos uma mesa à calçada e nos sentamos. Além de nós, havia apenas uma mesa próxima com outros três sujeitos engravatados e, numa outra mais ao fundo, dentro do bar, umas três jovens acompanhando um casal. Ele sugeriu que, de início, pedíssemos cachaça — enquanto eu ainda supunha o pub, imaginara-nos a bebericar uísques —, e eu aceitei.

— Pois é... — começou ele, após virar o primeiro copinho. — Na verdade, não estou planejando uma ficção. Eu quero é escrever um ensaio.

— Então é ainda mais fácil — respondi. — Escolha um assunto do qual não consiga se livrar, estude-o bem e fale sinceramente sobre ele.

— Sim, eu já imaginei que seria assim. E por isso trouxe comigo todos aqueles livros que estavam no meu escritório. Vou viajar amanhã e quero continuar estudando.

— E o que quer saber de mim?

Ele sorriu, um tanto embaraçado:

— Para ser bem sincero com você, meu caro, apesar de gostar da maneira como escreve, do seu humor, do seu estilo, eu dificilmente concordo com pontos importantes do seu pensamento. Eu queria justamente conhecê-lo para expor minhas ideias e descobrir qual seria a melhor forma de abordá-las. Você sabe: pretendo ser convincente! Quero saber se há ou não algum furo nos meus argumentos. Para tanto, nada melhor do que uma pessoa que, além de inteligente, tenha também uma visão de mundo completamente oposta à minha. Ninguém tem olhos na nuca, não é verdade?

Em vez de fazer uma piada com semelhante observação — pensei em lhe perguntar que tipo de furo os olhos da nuca poderiam ver, mas não o fiz —, segui adiante:

— E em quais pontos pensamos diferentemente?

— Em vários, mas esses pontos podem ser resumidos num só: enquanto você possui uma âncora moral, eu não tenho nenhuma. Na verdade, eu já fui um amoral, mas, hoje, não tenho dúvidas de que sou um imoral.

— Entendo. Para ser honesto, também já fui um amoral. Mas um imoral... bem, talvez o tenha sido num momento ou noutro... Mas não mais. Odeio aquelas dores de consciência.

— Sim, sim. Li várias coisas em que você deixa isso bastante claro. Por isso sei que poderá me entender sem preconceitos.

— Certo. Mas seu livro vai tratar de quê? De ética?

— Não exatamente. É o seguinte: quero provar quão vantajoso o feminismo é para machistas como eu.

Eu, que acabara de virar minha primeira cachaça, comecei a sorrir largamente:

— Isso parece divertido. Mas é sério?

Ele assumiu uma expressão grave:

— É. É muito sério.

— Desculpe por minha reação. É que a ideia me pareceu interessante.

— E é.

— Mas — tornei, franzindo o cenho — o que você quis dizer com “machistas como eu”? No seu modo de ver, o feminismo só é bom para alguns tipos de machistas?

— Precisamente. O feminismo só é bom para machistas da elite econômica que...

— Machistas ricos.

— Isso. Mas que também sejam amorais, ou imorais, e niilistas. E pouco importa se esses ricos são capitalistas ou dirigentes socia-

listas. A princípio, o feminismo é benéfico para “machos alfa” em geral. Entende? Para homens que sabem se impor e vencer. Contudo, no longo prazo, o “macho alfa” sem dinheiro, sem poder, e principalmente se for moralista, vai se ferrar tanto quanto os demais pobres.

— Então já me ferrei também.

Ele sorriu e me encarou significativamente:

— Esqueça a moral e escreva seu romance, meu caro!

— De imediato — retruquei, ignorando seu comentário —, não vejo em que sentido o feminismo poderia ser positivo para um machista.

— Para um machista como eu. Machistas tacanhos e pobres se dão muito mal com o feminismo.

— Sim, eu entendi. Só não entendi por que o feminismo seria bom para esse primeiro tipo de machista.

— Você deve usar o verbo no presente e não no futuro do pretérito. O feminismo *já é* bom para homens como eu. Aliás, é útil há mais de um século.

— Posso saber, apenas para ter uma ideia do seu status, o que você faz para viver?

— Sou empreiteiro. Construo edifícios de apartamentos, hotéis, shopping centers, estradas, hidrelétricas e aeroportos em toda a América do Sul e em alguns países da África. Também faço alguns servicinhos para o governo, claro. E sou consultor para algumas fundações humanitárias e ambientalistas importantes.

— Entendi. Mas, por favor, prossiga.

Nathan se apurou na cadeira, desfez o nó do cachecol, fez sinal para o garçom trazer a garrafa de cachaça e, tornando a me encarar, respirou fundo:

— Em primeiro lugar, preciso esclarecer que o feminismo é completamente antinatural. E, entenda, não quero dizer com isso que ele seja meramente artificial. O feminismo não é apenas uma invenção

humana: é uma invenção que atenta contra a natureza humana. Não é um produto cultural: é um produto anticultural. Ele age sobre a civilização como um ácido corruptor.

— E vocês, machistas das altas esferas, não são humanos? Não são prejudicados?

Ele riu:

— Calma, você irá me entender. Sou um niilista, lembra?

— Ah, é verdade.

— Deixe-me explicar melhor... — e, pensativo, parecia consultar notas guardadas na memória. — Por exemplo: você é um defensor do armamento civil, não é?

— Sim, para autodefesa. Apenas os cidadãos armados são realmente livres, pois, em último caso, podem defender-se até mesmo de seus governos. É por isso que nunca veremos uma ditadura na Suíça e é por isso que Hitler desarmou os judeus antes de mandá-los para os campos de extermínio.

— Ou seja, as armas não são boas ou más em si mesmas.

— Não, depende de quem as tem em mãos.

— Para homens como eu, o feminismo é uma arma desse tipo. Para os demais homens, é uma arma perversa em si mesma.

Sorri:

— Por favor, desenvolva o raciocínio.

Ele sorriu de volta:

— Vou desenvolver. Peço apenas que tenha paciência. Não sou tão bom com as palavras quanto você, sem falar que ainda estou tentando articular alguns pontos específicos.

— Isto aqui é um *brainstorm* para seu livro, então.

— *Brainstorm*? Ah, sim — e acendeu um cigarro, dourando o rosto com a chama do isqueiro. — Mais ou menos isso. Mas eu não preciso de novas ideias ou de me convencer de nada. Já fui convencido pelos fatos. Preciso apenas descobrir como expressar essas ideias e em que ordem colocá-las no papel... Enfim, preciso estabelecer

uma hierarquia entre elas. Creio que atingirei meu objetivo com o mero ato de expô-las a alguém que saiba ouvir.

— Certo, Nathan. Prossiga, então.

Em silêncio, pensativo, meu interlocutor deu uma profunda tragada no cigarro e ficou a observar as volutas da fumaça expelida. Virou outro copinho de cachaça e, ao fim de quase um minuto, retomou o fio da meada:

— Por si só, o feminismo jamais alcançaria todo o planeta porque sua vitória significaria a derrocada da humanidade.

— E exatamente por essa razão, você, um crente do nada, quer promovê-lo.

— Quero lhe dar um empurrãozinho! Porque, na verdade, o feminismo que me interessa é aquele feminismo diluído, aquela ideologia aguada propagada pelas revistas femininas, pelos blogs de garotas modernetes, pelos programas de TV, pelas novelas da Globo, pelos filmes, pela literatura vulgar e assim por diante. O feminismo radical, tal como o machismo folclórico, tacanho, é ridículo, caricato e destrói a si mesmo. Sozinho, jamais destruiria a civilização. É apenas uma ponta de lança que, por contraste, torna o feminismo açucarado mais palatável. Qualquer mulher que sinta alguma atração natural por um homem é incapaz de levar uma feminista radical cem por cento a sério.

— E qual é a diferença entre esses feminismos? — perguntei, virando em seguida mais uma cachaça.

— É apenas uma diferença de intensidade, claro. Mas a questão é que o “feminismo fraco” — vou chamá-lo assim — é mais efetivo que o “feminismo forte”. Água mole em pedra dura... — e sorriu. — E é difícil distingui-lo da mera manifestação da justiça.

— Da justiça?

— Sim, da justiça. Não me refiro aos tribunais, às leis, mas ao conceito de justiça. Porque é verdade que, num mundo normal, a mulher merece, sim, possuir direitos, ter a liberdade de escolher

com quem viver, a liberdade de ir e vir, a liberdade de reunião e de decidir o que fazer da própria vida. Isso é apenas uma constatação justa. Para entender o valor disso, basta olhar como algumas sociedades islâmicas são capazes de exagerar para o lado oposto: nelas, as mulheres são praticamente propriedades dos homens, o que, para um ocidental, é deprimente de se ver.

— E como distinguir o “feminismo fraco” dessa justiça?

— Numa sociedade justa, as mulheres continuariam sendo femininas. E, quando digo femininas, não me refiro apenas à aparência, ou seja, ao vestuário, à maquiagem, aos trejeitos etc. Nada disso. Todas essas coisas são apenas a ponta do iceberg da verdadeira feminilidade.

— Que é...?

— A verdadeira feminilidade?

— Sim.

— Bem... É uma maneira espontânea e natural de pensar, de agir, de ver o mundo, enfim, uma maneira de ser e de compreender sua posição em relação à vida e a seu oposto, o modo masculino de viver. Uma mulher verdadeiramente feminina não compete com os homens.

— Espere, Nathan, deixe-me entender uma coisa: por acaso você está tentando me dizer que as mulheres realmente femininas devem ser submissas ao homem?

— Sim e não.

Fiz um sinal para o garçom: apesar do frio, não queria mais cachaça, que ele me trouxesse uma cerveja.

— Se eu continuar bebendo isso aí — disse ao empregado ensaístata —, não vou entender absolutamente nada dessas suas sutilezas.

— Vou explicar esse “sim e não”.

— Ótimo.

Ele deu outra profunda tragada no cigarro:

— Num mundo sadio, a mulher não deve ser submissa no sentido de ser menos valiosa ou menos importante do que o homem. E também não quero dizer que ela tenha de ser obediente, subalterna. Nada disso. Aliás, vou voltar a esse ponto — e pigarreou. — Ela deve, sim, ser submissa no sentido em que (permita-me usar metáforas extraídas da minha profissão) um pilar é submisso a uma viga. Compreende?

— Não sou muito bom de engenharia. Abandonei o curso no segundo ano.

Ele riu:

— Uma viga é um elemento da estrutura de uma construção, disposto na horizontal, que transfere o peso que recebe da edificação para o pilar, o qual se posiciona, na vertical, logo abaixo: o pilar é portanto *sub-misso* à viga.

— Então o homem deve fingir que sustenta as coisas, mas acaba é transferindo a carga pra mulher.

— Não, Yuri, ele não finge: ele sustenta as coisas e as eleva com a ajuda da mulher, que faz a conexão com o chão.

— E, segundo sua analogia, o que seria esse chão?

— O chão é a realidade. A mulher é mais realista do que o homem. Ela tem de ser. É ela quem engravida, quem realmente garante a manutenção da espécie. Ela tem a pulsão instintiva de proteger a prole.

O garçom trouxe a cerveja e mais dois copos, mas Nathan quis continuar bebericando sua cachaça.

— Não sei se consigo visualizar como essa relação entre viga e pilar se dá na prática — observei.

— Minha atual secretária, uma bela garota que irei demitir em breve, pois sei que parou de tomar anticoncepcional... — e ele, com ar cafajeste, me piscou um olho — enfim, minha secretária me disse algo que expressa bem a ideia: segundo ela, “na relação entre os sexos, o homem é a cabeça, mas a mulher é o pescoço: é ela quem decide para onde apontar a cabeça”.

— Hum.

— E isso quer dizer que o homem é dominado basicamente pelo entendimento e a mulher, pela vontade. O entendimento dirige, a vontade impulsiona. Basta você imaginar um veleiro: as velas são a mulher; o leme é o homem.

— Estou vendo que esse seu livro terá mais de quinhentas páginas...

Ele riu:

— Acho que não.

— Você quer dizer com isso que o homem é mais inteligente do que a mulher e ela, simplesmente mais voluntariosa?

— Não, não é tão simples e esquemático assim. A realidade não é uma máquina. Uma mulher pode ser muito mais inteligente do que o marido, do que os irmãos e assim por diante. Mas o centro da alma feminina sempre será a vontade, pois é sua vontade quem cria. O homem só consegue criar mediante o entendimento, que é o centro da sua alma. Basta você visualizar aquele símbolo do taoísmo: digamos que o Yin represente a vontade, com a presença secundária do Yang, e o Yang represente o entendimento, com a presença secundária do Yin. E ambos os aspectos só funcionam realmente em conjunto, com o casal formado.

— Polêmico isso aí.

— Eu sei. Muita gente sabe dessas coisas instintivamente, mas, como vivemos numa época politicamente correta, quase ninguém tem coragem de tocar no assunto. Eu tenho.

— Polêmico e improvável. Como comprovar algo tão subjetivo?

— Se você disser que isso é improvável, poderá dizer que todas as teorias da psicologia também o são.

— É verdade. E talvez o sejam — repliquei, completando meu copo de cerveja.

— Mas boa parte delas realmente explica, ou melhor, realmente descreve inúmeros comportamentos humanos.

— Não negarei isso.